

MULHERES DA VIDA DIFÍCIL*Women of the difficult life*

Fabiane de Oliveira Resende
 Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
fabianeresende@furg.br

RESUMO

Na criação ficcional de Aldyr Garcia Schlee, as personagens femininas sempre estiveram presentes e, muitas vezes, na condição de protagonista, mesmo quando a representação reportava-se a um tempo de formação territorial sul-brasileira, espaço do fazer e do masculino. Em relatos assumidamente lacunares e preenchidos de imaginação, que tramam real e ficcional, misturando seus limites e provocando o leitor, aparece a representação da prostituta, central em *Contos da vida difícil*, volume de contos publicado no ano de 2013, dedicado ao tema. O presente trabalho ocupa-se com tal representação na obra de Schlee e com o modo como é construída formal e ideologicamente.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; conto; personagem prostituta; Aldyr Garcia Schlee

ABSTRACT

In the fictional creation of Aldyr Garcia Schlee, the female characters always were present and, in many times, in the condition of protagonist, even though when the representation related to a time of south-Brazilian territorial formation, a space of doing and of masculine. In admittedly lacunar reports and filled of imagination, that plot real and fictional, mixing their limits and teasing the reader, where appears the representation of the prostitute, which is important in *Contos da vida difícil*, volume of short-stories published in 2013, dedicated to the subject. The present work deals with this representation in Schlee's work and with the way that it is formal and ideologically built.

KEYWORDS: brazilian literature; short-story; prostitute character; Aldyr Garcia Schlee.

Quando meu orientador de Mestrado sugeriu os contos de Aldyr Garcia Schlee como objeto de pesquisa da minha dissertação, eu desconhecia o autor. Uma vez escolhido, venho trabalhando e lendo sua obra, agora já consolidada em termos de público leitor, estudos acadêmicos e editoração. Que acertada escolha: trata-se de um rico conjunto de textos de vários gêneros, reveladores de um autor realmente multifacetado e provocador, especialmente na ficção, aproveitando ao máximo a natureza desse texto mais ainda, desafiador para o leitor.

Do conjunto de textos recém-mencionado, por ora me interessará o volume intitulado *Contos da vida difícil*, coletânea de catorze narrativas – reunidas por afinidade temática: a prostituição –, publicada originalmente em 2013. Conforme também foi afirmado, ler as narrativas de Schlee constitui desafio e desacomodação do leitor, enquanto tal, constantemente “convidado” a participar do texto, preenchendo seus vazios e posicionando-se frente as suas imprecisões e provocações; mas também enquanto ser humano participante da sociedade do seu tempo.

O título já é provocativo à medida que propõe um trocadilho com a expressão popular “mulheres de vida fácil”, usada para se referir às prostitutas e já encaminha duas chaves de leitura: a ampliação do trato com o tema para o universo da prostituição e a postura narrativa de provocação/desacomodação do leitor, que irá percorrer a totalidade dos contos. Os paratextos¹

¹ Em seu *Paratextos editoriais*, Genette, ao discutir seu conceito de “paratextos”, cita Philippe Lejeune, quando o

costumam estar presentes em todas as publicações do autor jaguareense e, de alguma forma, entrelaçados à arquitetura ficcional, sob a forma de epígrafes, prólogos e dedicatórias. No volume em questão, o primeiro deles intitula-se “A difícil vida fácil” e é assinado pelo próprio autor, Aldyr Garcia Schlee. No título, novamente uma alusão ao contexto da prostituição e ao trocadilho antes mencionado.

Dentro desse universo, estão representadas as cafetinas, os traficantes de mulheres, os/as donos/as de prostíbulos, os frequentadores e familiares das prostitutas; e tocados temas relacionados e igualmente polêmicos, como o tráfico internacional de mulheres, o incesto, o estupro e também a sexualidade feminina.

Já nas primeiras linhas, o texto esclarece que os contos integrantes do volume “são uma obra da imaginação que não vai além do imaginável” (SCHLEE, 2013, p. 5)², já que os fatos ocorridos não têm como serem lembrados na íntegra, seja por conta do esquecimento “involuntário”, seja em nome da proteção de determinados interesses de poderosos, ou ainda pela necessidade de um coletivo para que o acontecimento possa ser “remontado”.

O que se encaixa perfeitamente no tema tratado nas narrativas: o universo rentável da prostituição em uma pequena e conservadora cidade do início do século XX, no extremo sul do Brasil. Um microuniverso que, a exemplo do maior ao qual integra, também apresenta desigualdades e explorações na sua estrutura social, que nos contos são vistas desde os pontos de vista dos marginalizados, por vezes, duplamente por estarem na mesma situação dentro de um sistema que já é marginal. É o caso das personagens prostitutas decadentes Sara, “[...] a decadente puta desta história irreal, a polaca Sara, aqui esquecida de quase tudo [...]” (p. 41) e Dona Rachel, “que conhecemos aqui sem um sorriso nos lábios, sempre triste e cabisbaixa, a esconder os dentes, quase sem palavras [...]” (p. 55).

Ao passo que encaminha os contos para o terreno da ficção (o “imaginável”), Schlee expõe brevemente o contexto sócio-histórico que servirá como cenário das narrativas, situadas em um importante momento da história de Jaguarão – o da construção da Ponte Internacional sobre o rio, ligando Brasil e Uruguai e possibilitando maior facilidade à navegação e ao comércio entre os dois países. Durante as décadas de 1920 e 1930, a cidade viveria uma espécie de *boom*: a chegada de milhares de homens para trabalhar numa construção daquela monta determina um incremento no comércio e na oferta de serviços, dentre os quais, a prostituição. Além disso, conforme também informa o texto de introdução aos contos, Jaguarão torna-se rota de passagem para o tráfico de mulheres com destino ao centro do Brasil, vindas da Europa pela Argentina e Uruguai.

Dito dessa maneira, já de saída percebemos algo que é característico na escrita schleeriana: a assunção de as narrativas serem o tecido formado pela realidade/ficção, fronteiras constantemente borradas, em função de apenas a realidade não dar conta da reconstituição de um passado. Em *Contos da vida difícil*, a voz dos narradores (que, com frequência, simula a voz autoral do próprio Schlee), segundo o próprio autor, deliberadamente utilizará essas duas instâncias como caminho para contar um passado do qual muitos buscam se esquecer.

Aliado a isso, na sequência do prólogo, está posta uma epígrafe de um texto de Paul Ricoeur³, que trata da seletividade da memória para recompor o passado e, por consequência, da sua parcialidade no ordenamento e na seleção de fatos e pontos de vista considerados, no tocante tanto ao que deve ser lembrado quanto ao que deve ser esquecido. Aqui se confirma o que foi dito anteriormente: as epígrafes de Schlee costumam estar profundamente articuladas aos textos ficcionais que as precedem. No caso em

assunto é a constituição/natureza dos textos que integram o formato/mídia livro: ““franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura”” (GENETTE, 2009, p. 10). Algo bastante próximo do que venho afirmando sobre o prólogo dos *Contos da vida difícil* e o trecho do texto de Paul Ricoeur, posto como epígrafe do livro.

² A seguir, as citações referentes ao volume *Contos da vida difícil* aparecerão referenciadas somente pelo número de página, por serem em grande número neste trabalho, evitando repetição desnecessária.

³ Teórico de importância incontestável para os estudos literários relacionados à memória, ponto que ocupou lugar de destaque em suas reflexões.

estudo, a teoria de Ricoeur ilumina a leitura dos contos e serve como importante contribuição para compreender a estrutura dos mesmos, erguida sobre o terreno da incerteza, da lacuna e do esquecimento. Esse esquecimento, segundo o teórico, seria o exercício de ignorar e excluir as lembranças, “quando correspondam à necessidade de repressão de acontecimentos inapropriados” (p. 9). Diz o ficcionista: “São velhas e sumidas histórias jaguarenses que todos fizemos questão de ocultar desde o início do século XX [...] e até hoje, já vão quase cem anos” (p. 5).

Justamente acontecimentos inapropriados, protagonizados por mulheres do mesmo modo “inapropriadas” vêm à tona e representam o fio condutor dos *Contos da vida difícil*. Situadas no terreno do “proibido” e narradas sob o signo da incerteza e da não lembrança, as narrativas tratam da prostituição, via de regra, assentada na figura da prostituta. Tradicionalmente considerada assunto polêmico numa sociedade pautada por valores e dogmas católicos e patriarcais, a prostituição não era vista de forma diferente pela sociedade jaguarenses: um assunto que não deveria ser remexido ou lembrado, mas antes negligenciado e invisibilizado sob pena de “desestruturar lares e famílias de bem”. Nos hiatos e lacunas da história, no terreno das possibilidades e na “evocação de testemunhas como fontes”, na maioria das vezes, deficientes, é que se formam e se apresentam os relatos da vida, então, difícil.

Ainda no prólogo, Schlee entende que

o tema relativo ao mercado prostibulário e, especialmente ao tráfico de mulheres foi sempre desenvolvido através de estereótipos, no plano do melodrama de folhetim e do convencionalismo conformista, através de um discurso moralizador de grande poder emocional que o deturpa e que encontra eco na pregação de certos religiosos e reformadores sociais. (p. 7)

Na sequência adverte o leitor, indicando como a prostituição não será enfocada nas suas narrativas: “Por tudo isto, as histórias de mulheres e homens de vida fácil, girando em torno da sedução barata, da violência gratuita e da perversidade maniqueísta, não têm lugar aqui” (p. 7).

Partindo das palavras finais do prólogo, recém citadas, o estudo aqui apresentado se ocupará com este recorte: percorrer os *Contos da vida difícil*, atento à representação da prostituta em cada narrativa e também em seu conjunto e o quanto tal representação diverge de estereótipos.

A representação da prostituta em *Contos da vida difícil*

A presença significativa das personagens femininas na produção ficcional schleeriana é notada mesmo em narrativas que reportam a um tempo de demarcação das fronteiras pampianas, caracterizado pela esfera do fazer e pela atuação do masculino. Em vários casos, elas protagonizam as narrativas, o que toma a proporção de um volume inteiro em *Os limites do impossível*: contos gardelianos.

Na representação desse universo feminino, muitas mulheres são vistas em sua sensualidade, num apelo aos sentidos, que lhes percebe a carne, o cheiro, o contorno do corpo e o cabelo solto e, com certa recorrência, aparece a prostituta, presente no conto “Como uma parábola”, do primeiro livro publicado pelo contista jaguarenses, *Contos de sempre*. Nele, as irmãs Ojolla e Ojolliba, numa revisitação à história bíblica, são donas de um prostíbulo em decadência na época das lutas de fronteira, responsáveis pela demarcação territorial dos três países formadores do pampa: Brasil, Uruguai e Argentina.

No segundo livro publicado, *Uma terra só*, a figura da prostituta é também lembrada, no conto “Um brilho nos olhos”, cujo protagonista é Pichón, mais de uma vez chamado, pelo narrador, de um verdadeiro “filho da puta”, de mãe dona de uma pensão de mulheres, onde ele vive às custas de uma. Para além dos textos de Aldyr Schlee, a prostituição, conforme mencionado, é tema ainda hoje polêmico e “ousado”, que desacomoda o/a leitor/a e tem sido largamente explorado pela ficção, nos livros, nas telas de cinema e nos palcos dos teatros.

A extensa exploração da imagem da prostituta, no entanto, acaba contribuindo para a formação de certos estereótipos, um dos problemas apontados por Sergius Gonzaga, pensando a representação da personagem marginal na literatura, de que a prostituta é um exemplo. Para o pesquisador, via de regra, apresenta-se problemática a apropriação e a autenticidade de tais representações, que costumam cair numa espécie de estereotipação e verem a prostituta pelo signo do sentimentalismo, do sectarismo ou mesmo do escatológico (cf. GONZAGA, 1981, p. 152). Voltando à escrita do prólogo, a posição assumida por Aldyr Schlee parece responder à crítica feita por Gonzaga, especialmente pela atuação do narrador na relação com as lacunas dos relatos e na constituição das personagens.

O primeiro problema apontado por Gonzaga diz respeito à apropriação e à autenticidade de tais representações, em função de os narradores se mostrarem distantes do mundo narrado e, dessa forma, incorrerem em artificialidade no registro. Na mão contrária, os narradores de Schlee constroem uma relação de proximidade com o mundo narrado, em especial quando há uma simulação/hipótese da presença da voz autoral. Essa mesma voz ancora os textos na realidade, à medida que fornece nomes de pessoas, estabelecimentos e lugares de Jaguarão e seus arredores, com recorrência, associados aos possessivos “minha/nossa” (não esqueçamos a escrita do prólogo, assinada pelo próprio Aldyr Schlee), remete a outros contos e personagens do autor, o que sugere o “conhecimento de causa” do narrador face ao universo narrado. É como se (utilizando uma expressão bastante cara à ficção schleeriana) os narradores fossem alguém pertencente àquele meio ou com alguém dele tivessem relação muito próxima: comumente, sabem dos fatos passados por meio de avós, primos, amigos da família, utilizam os dêiticos “minha”, “nossa”, “aqui”, referindo-se à cidade de Jaguarão.

De alguma maneira, os textos trazem marcada a proximidade ou ligação do narrador com o contexto da prostituição, parecendo falar desde “dentro” dele, a ponto de aderir ao discurso de preconceito do senso comum, importante influenciador em uma cidade conservadora e patriarcal do início do século XX, ao passo que dialeticamente construído por ela. O que está bastante nítido nos seguintes fragmentos: “[...] como as tantas *mocinhas de mau passo* que, enganadas por amantes sedutores e expulsas de casa por pais estúpidos e intolerantes, não tiveram mais volta” (p. 59); “[...] nem terá *caído na vida*, perdida e sem rumo...” (p. 59); “... numa *mulher séria*” (p. 61); “as *mulheres de má vida*” (p. 63, grifos meus).

Somado a isso, os momentos de intrusão narrativa, que vão de breves comentários a digressões, sugerindo o saber de que é dotado, como, por exemplo, em “Mamá Burnes”, quando descreve a personagem-título, contribuem para a propriedade com que narra e a consequente confiabilidade vinda do leitor, cada vez mais envolvido por um discurso persuasivo e verossímil:

Quando eu estava com 13, 14 anos, ela morreu, entre 1947 e 48. Foi ótimo, pois me escapei assim de conhecê-la, ameaçado sempre que fora [...] de ser levado à força ao puteiro para, enfim, conhecer mulher (ela, afinal, já era bem mais do que uma mulher a ser conhecida: era uma china gorda e velha, muito velha, a coitada; era uma china gorda e velha, transformada numa verdadeira instituição jaguareense, destinada a vencer o tempo e a decadência física no exercício de seu permanente e infatigável papel – cada vez menos necessário e justificável, cada vez mais constrangedor e anacrônico). (p. 129)

O segundo problema na representação da personagem marginal refere-se, no caso em questão, à estereotipação da prostituta, contra o qual igualmente se posiciona Aldyr Schlee, em trecho já citado, transcrito do texto de abertura dos *Contos da vida difícil*.

Parte representativa das prostitutas dos contos lidos está velha, em plena decadência, caso das personagens Sara e Dona Rachel; mas há também aquelas que desejam ser putas, caso da jovem Maria José; há ainda as que não levam o menor jeito para o ofício, como La Virgencita (ou Bonita). Há também as que optaram pela profissão; as que foram impelidas por uma grande decepção ou por

necessidade; as que foram abusadas; as homossexuais; as nomeadas e as não (caso da “mulher do Major Bragantino”); as belas e as feias; as magras e as gordas, e as que fedem. Em comum a essa gama de mulheres de diversas procedências e quereres, está a falta de voz, que não lhes permite a mudança de suas escolhas e do seu porvir, reforçada no tecido textual, onde, da mesma forma, pouco lhes é concedida a fala.

Exceção a essa impossibilidade de escolha e expressão é a personagem Maria José, de “Dia 29 de fevereiro”, o que lhe faz render o destaque. A menina, mantida virgem até os dezoito anos, atira pela janela o dinheiro pago por ela à sua tia, por um homem que a queria levar para ser sua esposa. A jovem, entretanto, recusa a proposta e escolhe a vida como prostituta no puteiro da tia. Em um dos escassos momentos de uso do discurso direto, o narrador cede a voz à Maria José, que assim se dirige à tia: “– Que seio isso nem seio aquilo que eu não estou à venda por tua conta, velha cafetina. Eu não preciso nem quero que me arranjem homem. Eu agora escolho meus homens (e Maria José baixou a vidraça)” (p. 125).

A falta de voz, a idade avançada para o ofício, os abusos sofridos, a decadência física e financeira, a negligência com que são vistas pela sociedade, são constantes nos contos, sem, no entanto, deixá-los cair na pieguice de uma representação melodramática que, via de regra, atende ao estereótipo da vitimização.

Ao contrário, mesmo com relatos comoventes, fortes, extremos, a atuação e a presença marcante do narrador subverte o que poderia ser o caminho do previsível, do excesso, do piegas, quando o assunto é a prostituição, chegando a “naturalizar” o incesto – retirando aquela natural desaprovação e peso que teria o relato de tal situação. Sara, protagonista do conto “R. S.”, com 10 anos de idade, sofre abuso sexual do padrasto, num quarto de hotel, enquanto a mãe trabalha como prostituta. Sem qualquer apelo ao sentimentalismo vitimista ou satanizador, o narrador, num provocativo tom de naturalidade, conta que o homem

[...] ia e ia tocando-lhe de leve com os dedos, depois apertando-a carinhosamente, chegando-lhe o próprio corpo, agarrando-a com cuidado, baixando-se ele mesmo as próprias calças, os ceroulões, e esfregando-se nela... enfiando-se ali com jeito, com cuidado, carinhoso, sem querer lastimá-la, beijando-a, beijando-a [...]. (p. 42)

O exemplo transcrito serve ainda ao reforço da falta de voz, que acompanha a representação da prostituta ao longo dos contos: a menina Sara não reclama da atitude do padrasto e também nada conta à sua mãe. Aos onze anos, já dorme com o padrasto, sob a concordância da mãe, que igualmente nada diz.

Mas, para além da falta de voz – condição largamente abordada pela literatura contemporânea – e na continuidade do tom provocativo, a motivação/desafio para a escrita dos *Contos da vida difícil* reside, conforme sugerido no prólogo, na invisibilidade a que eram submetidas as prostitutas, na Jaguarão das primeiras décadas do século XX. Na primeira narrativa do volume, “Carnet de divertissement”, a invisibilidade a que me referi é trazida à tona pela voz do narrador:

A cidade inteira sabia dessas mulheres e do cabaré. Mas era assunto proibido perguntar-se quem ia ao cabaré e quem se metia com as mulheres do cabaré [...] a ninguém ocorria perguntar-se onde ficavam, onde pernoitavam, onde pousavam e repousavam ou onde fornicavam as mulheres que passavam por Jaguarão rumo ao Norte. (p. 19)

No conto seguinte, “Uma mulher de passada”, a mulher do Major Bragantino surge como espécie de fetiche do narrador ainda menino que, no presente, tem vagas lembranças e muitas incertezas acerca da personagem que intenta descrever/recordar:

Minha avó nunca soube me dizer como era ela, porque – isso sim, me disse – nunca havia olhado para sua cara. Se ela nunca me levantou os olhos, quando passava, eu não sei (dizia vovó); mas nunca me dei o desfrute de querer enxergá-la (explicava), de mirá-la só para ver como é que ela era, como é que se vestia, como é que caminhava, [...].

Eu, ao contrário, sempre tentei saber como era ela, a esposa do Major Bragantino. É verdade que não sei, não soube, nunca pude saber, e jamais saberei como ela terá sido. (p. 25)

De motivação voluntária ou involuntária, a invisibilidade a que foram relegadas as mulheres prostitutas torna-se um impedimento ao relato de suas histórias, pertencentes a um passado que se quer esquecido. A situação de impedimento, porém, é revertida pela opção deliberada dos narradores de contarem pela lacunas e incertezas situadas nos interstícios da memória/esquecimento coletivo e individual, e os relatos que compõem o volume em estudo transformam esse impedimento em possibilidade⁴. Assim, nos vemos diante de narrações que remontam a um contexto do qual, como observamos, pouco ou nada se sabe e muito se deseja esconder; e de vozes narrativas que contam pelas deslembrações, pelas lacunas, pelas imprecisões, mostrando, numa constante provocação do/a leitor/a, que as histórias daquelas mulheres, embora feitas de muitos esquecimentos, são contadas. Contrariando a gênese do conto enquanto gênero, aqui não é o acontecimento que motiva a sua escrita, senão a falta de informação sobre ele.

Como resultado dessa opção dos narradores, os contos vão se estruturando em bases nada sólidas, que servem também à desacomodação e à desautomatização do pensamento. Ao mesmo tempo em que fomentam no leitor o questionamento sobre e a atenção para um período histórico silenciado e para o preconceito arraigado na condição humana. Diz o narrador de “O que passou com Juan Carlos”: “O que houve com Juan Carlos, não se sabe. E muito provavelmente não se saberá nunca, no desencontro das informações e na soma das desinformações existentes a respeito de sua passada por Jaguarão” (p. 31). Semelhantes “não saberes” são externados pelo narrador de “O sétimo mandamento”:

Dona Manuelita mora num casarão perto do Praça e a vida dela não chega a ser um mistério. Mas sempre tem sido objeto de muita dúvida e conversa entre os que a conheceram e a conhecem – e até entre os que dela só ouvem ou ouviram falar. (p. 89)

Como é que o marido de Manuelita aturava e suportava aquilo nunca se soube, mesmo, se Manuelita fazia, se era capaz de fazer aquilo que se dizia que ela fazia [...]. (p. 92)

Em “Dizem que dizem”, da mesma forma, não são as certezas e assertivas que produzem a fala do narrador: “Teria frequentado os cabarés e os cafês-concerto onde não fora vista; os bailongos, as milonguerias e os peringudins onde era impossível vê-la (poderia até ter se metido [...] num prostíbulo, com seu cafetão)” (p. 144).

E por aí tantos outros exemplos que ilustram essa instabilidade narrativa, como disse, permeada também por oportunas intrusões, combinação que gera a cumplicidade do/a leitor/a. As constantes faltas e imprecisões que venho observando culminam numa quase implosão do relato, mesmo em contos como “Viva eu, viva ela...”, onde lemos a seguinte afirmação do narrador: “Eu

⁴ Nesse sentido, os contos aqui trabalhados podem ser pensados dentro da tradição instituída por Tchekhov (cf. GOTLIB, 2006, p. 47-49): os contos sem acontecimento, efetivamente o que ocorre nas narrativas dos *Contos da vida difícil*, as quais, truncadas por reiteradas repetições de palavras, expressões e mesmo parágrafos inteiros e pela constante incerteza e falta de informações que costuram o discurso dos narradores, impedem que se configure propriamente um acontecimento. A narrativa se volta a ela mesma, num movimento autorreflexivo e de capacidade expressiva, em que construir o relato é o grande deleite e, ao/à leitor/a cabe o constante estado de expectativa.

sei tudo sobre a louca Ignez – e aqui não estou a inventar nada...” (p. 66), o que não deixa dúvidas quanto à competência e alcance desse narrador; seu término, contudo, dá-se numa situação-limite, de quase dissolução do relato: “Talvez [o suposto retrato] tenha ido por água abaixo como o vestido; e como tudo o que se possa ter imaginado aqui” (p. 75). Outro exemplo vem do recém citado “O que passou com Juan Carlos”: “Não se sabe e não saberá nunca quanto tempo Juan Carlos terá passado em Jaguarão – e o que terá mesmo acontecido com ele na cidade, para justificar este conto” (p. 39). Em ambos, o cerne do conto se dilui, seja pela falta de credibilidade do narrador, seja pela inexistência de motivação para a escrita.

Pelo caminho do não, da falta, da lacuna e da incerteza, os narradores vão reconstituindo um universo diegético com base no que foi ocultado pela história. Há que ser ressaltado, no sentido da visibilidade, a presença, no mundo ficcional de Schlee, de personagens prostitutas do cinema e do teatro⁵, cujas histórias são revividas na Jaguarão dos anos 1930 e 1940, outra estratégia que serve ao propósito de dar visibilidade a mulheres anônimas, a respeito de quem muito pouco ou nada se sabia. É o caso dos contos “A gorda Violeta”, que revive a prostituta gorda e rejeitada pelos fregueses, e “Trecho de filme”, protagonizado pela jovem Agnese, que cede às investidas do cunhado, de quem acaba engravidando e, com isso, “sujando a honra da família”.

Na costura/encontro da verdade e da ficção, da memória e da imaginação, da literatura e de outras formas de arte, a contística de Schlee vai desenhando o universo da prostituição numa pequena cidade de fronteira que, no entanto, integrava a rota de uma grande rede internacional de tráfico de mulheres. Conforme deixa claro o autor, no texto introdutório aos contos, um assunto que não interessava vir à tona, uma vez que mexia com a “honra” e os interesses dos poderosos “homens de bem” de Jaguarão.

O tom provocativo assumido pela temática ratifica-se no jogo narrativo, com as lacunas textuais e na desacomodação do/à leitor/a, que o/a fazem participar ativamente do texto lido, ao passo que também tiram o peso do julgamento e da estereotipação que rondam a representação da prostituta na literatura. À medida que se expressam por um discurso formado por vazios, ironias, contradições, intertextos, incertezas e preconceitos, os narradores acabam por filtrar o sentimentalismo vitimista ou satanizador, chamando a atenção para o próprio discurso (comumente a grande estrela dos textos schleerianos), e o/a leitor/a para um olhar mais relativizado e menos estigmatizado para o tema em discussão.

Ainda nesse caminho que vai de encontro ao reforço de estereótipos vitimistas e/ou negativos, é interessante observar a abrangência que o tema adquire ao longo do volume, sem se restringir ao olhar e/ou à representação da prostituta, mas pensando-a num contexto maior, que abarca mesmo pessoas e interesses distantes daquele tempo-espaço.

Na esteira da crítica feita por Sergius Gonzaga, os narradores de Schlee, em muito reforçados pela simulação da voz autoral, revelam propriedade naquilo que narram e autenticidade no registro, feito por quem parece próximo do universo narrado ou pertencente a ele – a ponto de incorporar ao seu o discurso preconceituoso da sociedade local. Mostra-se ainda alguém dotado de saber, segundo a concepção benjaminiana de narrador como aquele “homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições” (BENJAMIN, 1985, p. 198-199) – e, portanto, de confiabilidade – ou mesmo consciente da insuficiência desse saber, seja por parte dele ou de suas fontes, o que também colabora para a persuasão do texto.

Fugindo a estereótipos e à falta de autenticidade do registro ficcional, as mulheres *da vida difícil* contrapõem velhos estigmas e endossam caminhos de representações plurais e de jogos narrativos instigantes, que preveem a cumplicidade mas também a sagacidade do leitor.

⁵ O conto “A gorda Violeta” faz referência à personagem homônima do texto teatral *Long day's journey into night*, do dramaturgo estadunidense Eugene O'Neill, enquanto “Trecho de filme” faz referência a *Seducida y abandonada*, filme dos anos 1960, dirigido pelo italiano Pietro Germi, cujo enredo é revivido em Jaguarão.

Referências

- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras escolhidas, v. 1. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- EBLE, Laetícia Jensen. “Escrevendo sua história com neon”: representação literária das prostitutas na contemporaneidade. In: *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura / V Seminário Internacional Mulher e Literatura*: Brasília, 2011.
- GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Trad. Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê, 2009.
- GONZAGA, Sergius. Literatura marginal. In: FERREIRA, João-Francisco. *Crítica literária em nossos dias e literatura marginal*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1981. p. 143-153.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.
- LIMA, Mauro André Moura de. *A memória como efeito estético nos contos de Aldyr Garcia Schlee*. [Tese de Doutorado] Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutorado em História da Literatura. 2019. Disponível em: <https://argo.furg.br/?BDTD12507>.
- MARTINS, Gabriel S.; CORONEL, Luciana. Resistência e representações da prostituição na obra de Plínio Marcos. *Literatura e Autoritarismo*, Santa Maria, Dossiê n. 20: Ressignificando histórias, p. 60-70, jul. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1679849X27943>.
- MOREIRA, Ariágda dos Santos. O espaço da prostituta na literatura brasileira do século XX. *Caligrama*, Belo Horizonte, v. 12, p. 237-250, 2007.
- RESENDE, Fabiane de Oliveira. *Aldyr Schlee e a linha de fronteira: homem, terra e literatura*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande. Programa de Pós-Graduação em Letras. Mestrado em História da Literatura. 2004. Disponível em: https://ppgletras.furg.br/images/Dissertacoes_pdfs/fabianeresende.pdf.
- SCHLEE, Aldyr Garcia. *Contos de sempre*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- _____. *Uma terra só*. Porto Alegre: Melhoramentos, 1984.
- _____. *Os limites do impossível: contos gardelianos*. Porto Alegre: Ardotempo, 2009.
- _____. *Contos da vida difícil*. Porto Alegre: Ardotempo, 2013.

Recebido em: 2 jun. 2020.

Aprovado em: 16 jun. 2020.